

Alguns aspectos da tradição judaica.

Vistos por um Judeu assimilado à civilização ocidental.

O Judaísmo é um dos pilares do pensamento ocidental. É portanto parte integrante desse pensamento. Ele é, também, uma corrente de pensamento que se desenvolve em paralelo, embora em contato, com o Ocidente. Esta situação absurda do Judaísmo explica, em parte, a relação problemática entre as duas correntes de pensamento. Trata-se de um problema social, mas que se reflete fielmente na situação psicológica do Judeu como indivíduo. Em sua mente as duas correntes, já em si entrelaçadas, entram em combinações e em choques. Num extremo coloca-se o Judeu tradicional, em cuja mente predomina o Judaísmo, com dosagem mínima de civilização ocidental. No outro extremo coloca-se o Judeu ocidentalizado, em cuja mente persistem resíduos do Judaísmo. As considerações seguintes pretendem iluminar alguns aspectos da confusão que resulta.

A civilização ocidental deve algumas de suas tradições básicas ao Judaísmo.

- (1) O conceito linear e histórico do tempo. O mundo, tendo sido criado e tendendo para um "último dia", consiste de fenômenos únicos, irreversíveis e irrevogáveis. Esta tradição distingue o Ocidente de todas as demais civilizações que operam com um tempo cíclico. Cito os exemplos dos egípcios, dos gregos, dos hindús e dos chineses. Isto exclui do Ocidente o conceito da reencarnação, da "roda-da-vida" e do "karma", e deveria excluir também a ciência como disciplina que estuda processos reversíveis. A ciência, essa herança que o Ocidente deve aos gregos, está, entretanto, começando a encarar os processos reversíveis como epicíclon de um processo linear, aproximando-se, desta maneira, um tanto surpreendente, do conceito judeu do tempo. Este conceito confere um sentido de dramaticidade a todos os acontecimentos, e dá origem a concepções tipicamente ocidentais, como liberdade de escolha, pecado, e individualismo.
- (2) O conceito de um Deus transcendente, que tem por resultado a convicção básica de uma finalidade ultramundana, e de um sentido do mundo. O mundo, e nele nós, servimos para algo. Temos um caminho a seguir, do qual, entretanto,

podemos desviar-nos. Existe uma ética objetiva, um Bem e um Mal absoluto. Isto contrasta com a qualidade estética do mundo chinês, e com a neutralidade ética do mundo indiano. A tradição ocidental nunca conseguiu harmonizar este conceito com a sua herança grega de uma ética racional do meio caminho, da moderação e da distancia contemplativa. Esta dialéctica inerente à ética ocidental lhe confere o seu dinamismo.

(3) O conceito da fé em Deus. Trata-se de uma atitude basicamente irracional, a qual, mesmo ofuscada como atualmente, forma o peno de fundo do drama do Ocidente. Contrasta com os exercícios pragmáticos dos hindús, os quais pretendem forçar a divindade mediante controle de respiração e de pensamento, e com a meditação chinesa, que pretende alcançar a salvação pela autodestruição sistemática e promeditada. São esforços ímpios, vistos do Ocidente. A irracionalidade da fé, esta atitude antifilosófica, entra em choque, no Ocidente, com a herança grega da especulação disciplinada. O resultado é a teologia, tanto no sentido restrito desta palavra, como no sentido mais amplo que abrange as convicções políticas e paracientíficas da atualidade.

(4) O conceito da situação humana. O homem feito de lama à semelhança de Deus e vivendo graças ao Seu hálito é um híbrido em situação absurda. Está jogado para dentro do mundo, mas pode projetar-se em direção de sua origem divina. Este conceito do homem total está em choque com o conceito grego da dualidade humana com sua distinção entre forma e conteúdo, morphé e hyle, e, em consequência, corpo e alma, "soma" e "psyche". Trata-se, novamente, de um conflito não resolvido dentro de tradição ocidental, o qual, por não estar resolvido, continua fértil.

(5) O conceito da aliança entre Deus e um grupo de homens. Deus escolheu um "povo" para revelar os seus mandamentos, (a ética objetiva), à humanidade. Este é o tema <sup>repetido</sup> recorrente, (em grande parte inconscientemente), na teoria e na prática política e social do Ocidente; A Igreja como Israel; o corpo mistico do Cristo; O Santo Imperio Romano; Os monarcas pela graça de Deus; Os Estados Unidos como "one nation under God"; O Imperio Bizantino e Russo como uniao entre Estado e Igreja; uniao santificada; A Uniao Soviética como uniao entre Estado e Partido. Esta procura constante da aliança, do "brith",

e esta tentativa de constituir um grupo eleito por Deus, confere a todos os acontecimentos políticos e sociais do Ocidente um clima de religiosidade e fanatismo, desconhecido no Oriente. A teoria politica racional dos gregos e romanos parece ter sido relegada ao esquecimento.

(6) O conceito da verdade revelada e do Messias. A verdade, longe de dever ser procurada, é algo que é revelado progressivamente por Deus, e o será totalmente com a vinda (ou a segunda vinda) do Messias. A verdade é portanto um ideal, ela é absoluta, e está intimamente ligada com a salvação. O Salvador é a verdade. O dever do homem é zelar pela verdade revelada, observando-a, conservando-a, e transmitindo-a às gerações futuras naquela pureza na qual tinha sido revelada. Essa observação, <sup>conservação</sup> ~~conservação~~ e tradição é o caminho para a salvação. A consequência deste conceito da verdade e da salvação é a ortodoxia intolerante e exclusivista tão típica do Ocidente, e em oposição tão flagrante com a tolerância religiosa do Oriente. O conceito da verdade como revelação entra em choque com o conceito grego da verdade como algo a ser descoberto. Em consequência, temos no Ocidente dois conceitos da verdade que se misturam constantemente e invadem todos os nossos pensamentos filosóficos, científicos, políticos e pertinentes à vida diária. A forma mais dramática deste conflito pode ser observada atualmente no campo da ciência aplicada. O conceito da verdade <sup>grego</sup> ~~grego~~ é responsável pela pesquisa científica, mas essa mesma pesquisa é considerada, subconscientemente, como sendo pecaminosa, já que viola o conceito judaico da verdade. Esta pesquisa torna possível, atualmente, a destruição do mundo pela ciência aplicada, provocando, um tanto irônicamente, a vinda (ou a segunda vinda) do Messias.

Os seis conceitos mencionados bastam para ilustrar, embora superficialmente, a maneira a um tempo fundamental e sutilmente <sup>retorcida</sup> ~~retorcida~~, pela qual o Judaísmo participa do tecido do Ocidente. A conclusão se impõe: Todo ocidental é, de certa forma, Judeu. A demonstração da afirmativa congruente, a saber daquela que diz que todo Judeu é, de certa forma, ocidental, seria, provavelmente, igualmente possível. A influência do Ocidente sobre o Judaísmo no curso dos últimos dois mil anos certamente a prova.

Como devemos, portanto, interpretar o conflito entre os dois pensamentos tanto no terreno social, como no campo do espírito individual do Judeu? Posto o problema nestes termos, não me atrevo a uma resposta. Dois pontos, entretanto, parecem ter sido esclarecidos. Um se refere à tentativa dos anti-semitas de expurgar o Ocidente da influência judaica. Se ela fôr coroada de êxito, o Ocidente ruiria. O outro ponto se refere ao temor dos Judeus tradicionais por uma interrupção da corrente das tradições judaicas. Podem eles ficar descançados. Mesmo se o Judaísmo como corrente independente deixar de existir, a tradição judaica continuaria a se desenvolver dentro da civilização do Ocidente.